

# ARGENTINA

## Duro recado de Alfonsín aos credores: não aceitaremos recessão e redução salarial.

— Dirijo-me aos argentinos para solicitar-lhes um esforço excepcional que conduza ao reordenamento dos desequilíbrios econômicos existentes — disse o presidente Raúl Alfonsín, num dos primeiros parágrafos de sua mensagem de ontem à noite, transmitida por todas as emissoras de rádio e televisão argentinas.

Além de pedir “austeridade” para superar as tensões que são vividas cotidianamente, Alfonsín atribuiu aos países industrializados, em grande medida, a responsabilidade pela situação econômica que atravessa o país.

— A América Latina é um exemplo muito claro dos mecanismos aplicados, que levaram a um endividamento geral insuportável, agravado pela soberba impunidade com que se tenta elevar as taxas de juros. O povo argentino sabe que nossa dívida externa não foi contraída para nos capitalizar, mas para consolidar a dependência e garantir um modelo de país colocado à margem da vontade nacional — disse o presidente.

Alfonsín reafirmou uma tese que está sendo objeto de discussão com as autoridades do Fundo Monetário Internacional (FMI):

— Pagaremos as obrigações legítimas —

disse — mas não aceitaremos medidas recessivas nem a diminuição do salário dos trabalhadores.

E lançou uma pergunta: “Alguém pode supor, a esta altura do desenvolvimento da civilização, num mundo absolutamente interdependente, que, quando há bem-estar, ele seja administrado em benefício das metrópoles financeiras e que, quando a crise chega, essas mesmas metrópoles a descarreguem sobre os mais fracos?”

— Os credores pedem à América Latina que pague sua dívida, aumente os juros, diminua a renda salarial e enxugue a economia — queixou-se Alfonsín exigindo depois uma mudança nas regras do jogo, na arena internacional.

Mais adiante, o presidente argentino anunciou, em sua mensagem, uma nova política fiscal, que gravará os setores de maiores recursos, mas reiterou que manterá a taxa de crescimento real dos salários, entre 6 e 8% este ano, embora limitando essa medida às faixas mais deprimidas e recompensando os demais, com juros, mais tarde, pela poupança forçada.

### Falta tempo

A mensagem do presidente, proferida com todos os créditos de um político profis-

sional, num tom de seriedade a que as circunstâncias obrigam, teve as características formais e uma fala de um diálogo simples com o país. O presidente não ostentou nenhum outro símbolo de poder, além da bandeira argentina a seu lado.

A reafirmação dos pontos de atrito com os credores externos e também com o FMI — como por exemplo a manutenção da política salarial, a decisão de separar a dívida legítima da ilegítima e pagar de acordo com um percentual sobre o superávit de exportações — só pode ter dois significados possíveis: ou a Argentina já obteve algum sinal positivo dos credores, ou, ao contrário, se encaminha para uma estratégia de choque.

É uma mensagem para ser analisada com mais tempo, mas foi dita no momento preciso em que o fator tempo é o que mais escasseia.

Hugo Martinez, de Buenos Aires.

